

# Condições de trabalho e saúde

## *Subsídios da organização sindical*

NOEMÍ TEJEDA\*

LILIAN CAPONE\*\*

EQUIPE DA SECRETARIA DE SAÚDE E DO SUTEBÁ\*\*\*

**RESUMO:** A Confederação de Trabalhadores da Educação da República Argentina (Ctera) tem desenvolvido pesquisas sobre saúde laboral docente e, no ano de 2003, abriram-se negociações coletivas entre empregadores e trabalhadores contribuindo com trabalhos para a discussão. O trabalho que ora se apresenta foi realizado pelo Sindicato Unificado de Trabalhadores da Educação da Província de Buenos Aires (Suteba) e utilizado como guia orientador na discussão com os empregadores e com o governo, para avançar no diagnóstico das condições de trabalho e saúde dos docentes.

*Palavras-chave:* Saúde laboral. Docentes. Condições de trabalho.

### Introdução

**A** Confederação de Trabalhadores da Educação da República Argentina (Ctera) e suas organizações de base têm realizado um importante trabalho ligado à saúde laboral. Desde seu nascimento como confederação, em setembro de 1973, os docentes definem-se como trabalhadores da educação e exigem condições de

---

\* Secretaria de Educación Privada de Junta Ejecutiva de CTERA e Secretaria Gremial de la Unión de Trabajadores de la Educación de La Pampa (UTELPa). La Pampa/LPA - Argentina. *E-mail:* <noemiteje@hotmail.com>

\*\* Médica Pneumologista. Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Diretora de Saúde Laboral de SUTEBÁ e Integrante Equipo de Salud Laboral de CTERA y CTA. Buenos Aires/ Bs. As. - Argentina. *E-mail:* <liliancapone@hotmail.com>.

\*\*\* Sindicato Unificado de Trabalhadores da Educação da Província de Buenos Aires.

trabalho dignas aos patrões, assim como a participação nas normativas para assegurar tais condições. O reconhecimento como trabalhadores da educação implica compreender que as escolas são nosso local de trabalho, que nossa função docente constitui um local de trabalho e que a saúde dos trabalhadores da educação está indissoluvelmente ligada às condições de trabalho e de infraestrutura escolar.

Durante 1995 e 1996, desenvolveram-se enquetes e estudos sobre as doenças profissionais docentes, a fim de discutir com os governos nacionais e provinciais a relação citada previamente, em um contexto em que haviam deteriorado fortemente as condições nas escolas públicas. A mudança de políticas públicas a partir de 2003 permitiu, entre outras coisas, a existência de paritárias para os trabalhadores e para os docentes. Em 2011, foi firmado um acordo de alcance nacional que permitiu adotar 12 recomendações preventivas básicas relacionadas à segurança nas escolas. Nesse contexto, a Ctera e as organizações do grêmio de base desenvolvem processos de formação em convênio com a Superintendência de Risco de Trabalho (SRT), cujo objetivo central é gerar espaços de reflexão e conhecimento da normativa e dos riscos laborais, assim como elaborar coletivamente ferramentas de avaliação das condições e meio ambiente de trabalho nos centros educativos.

A Lei de Riscos do Trabalho (Lei nº 24.557), normativa que regula o reconhecimento e a reparação do dano à saúde dos trabalhadores, estabelece que as empresas seguradoras dos riscos do trabalho devem realizar um exame preventivo anual, relacionando os riscos laborais no local de trabalho e a aparição de possíveis doenças relacionadas à atividade laboral. No entanto, ante a falta permanente de cumprimento da lei pelos empregadores e suas seguradoras, o Sindicato Unificado de Trabalhadores da Educação da Província de Buenos Aires (Suteba) decidiu realizar um exame de saúde adaptado a certas características sociolaborais, como parte de um programa específico que se denominou Programa de Saúde do Docente, desenvolvido nos Centros de Atenção Primária pertencentes ao Suteba.

Este trabalho é parte desse programa integral de promoção e prevenção da saúde instituído para a comunidade docente afiliada ao Suteba e foi executado como uma ferramenta de diagnóstico de situação, sendo a primeira etapa de uma planificação que visa a proteger a saúde laboral dos trabalhadores da educação.

## Objetivos

- » Identificar as características socioeconômicas e as condições laborais da população assistida, para reconhecer e valorar condicionantes do processo saúde-doença.
- » Valorar a prevenção realizada com o *screening* (blindagem) de doenças baseado na evidência científica.

- » Valorar o diagnóstico precoce de doenças relacionadas com a atividade docente.

## Material e métodos

- » Foi projetada uma história clínica sistematizada, com uma enquete de condições laborais e danos à saúde.
- » Foi criada uma base de dados em Epi Info Versão 6.0, instalada nos computadores de cada Centro de Saúde, na qual foi feita a carga dos registros médicos de forma descentralizada. Logo, via *e-mail*, foram enviados os arquivos para ser armazenados em um único local e analisados pela Direção de Saúde posteriormente.
- » Estudaram-se variáveis socioeconômicas, condições de trabalho, acidentes de trabalho, doenças laborais e patologias relacionadas ao trabalho docente.
- » O tipo de análise foi descritivo, observando a frequência de cada variável e, em alguns casos, cruzando variáveis para observar algum tipo de distribuição que permita suspeitar associação entre elas.
- » O critério de inclusão dos pacientes foi: afiliado à organização sindical e docente ativo (não aposentado) que concorria a um exame de saúde anual previsto na política de saúde do sindicato.
- » Analisaram-se 1.851 registros médicos do Programa de Saúde do Docente, abertos por médicos generalistas e clínicos, no período compreendido entre agosto de 2001 e agosto de 2003, nos Centros de Saúde da organização sindical.

## Resultados

### *Características demográficas*

- » A idade média dos docentes entrevistados foi de 42 anos, sendo que 95% tinham uma idade compreendida entre 33 e 51 anos.
- » Do total, 89% (n=1.641) eram mulheres e 11% (n=204), homens.

### *Características socioeconômicas*

A média de conviventes dos docentes entrevistados era de três pessoas por lar, com 1,5 filho por docente, sendo que 95% dos docentes entrevistados tinham entre 0

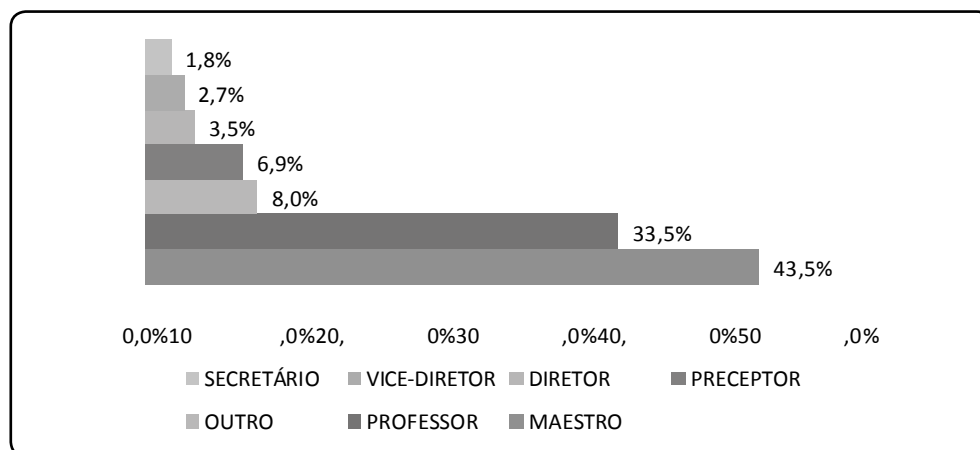
e 3 filhos. Mais da metade dos docentes entrevistados era responsável pelo sustento da família (57%) e a maioria (83,5%) não tinha outras atividades remuneradas além da docência.

### Situação laboral

- » A média de horas de trabalho dos docentes entrevistados era de 8 horas diárias.
- » A antiguidade média na docência era de 12 anos, abrangendo uma faixa entre 4 e 20 anos para a maioria dos docentes.
- » Em relação ao cargo, a maioria dos entrevistados era maestro<sup>1</sup>, seguido dos professores, representando ambos os grupos quase 80% da amostra.

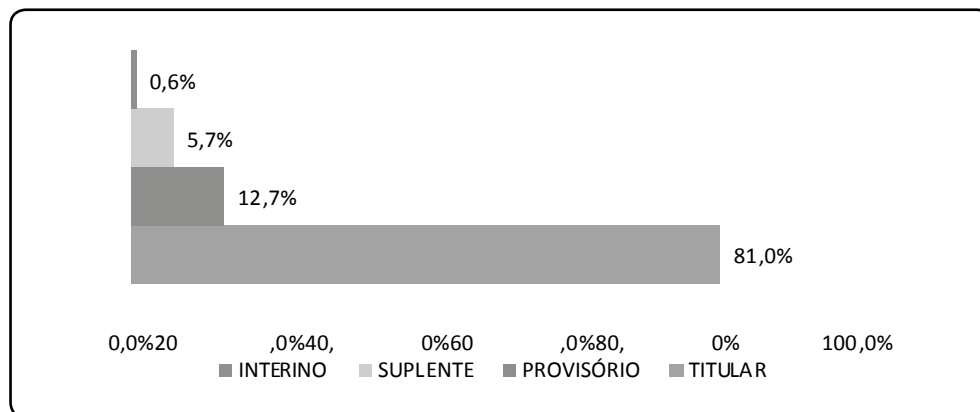
**Tabela 1 – Cargos dos docentes**

Maestro	779	43,5%
Professor	600	33,5%
Outro	143	8,0%
Preceptor	124	6,9%
Diretor	63	3,5%
Vice-diretor	49	2,7%
Secretário	33	1,8%
<b>TOTAL</b>	<b>1791</b>	<b>100,0%</b>



**Tabela 2 – Situação no cargo**

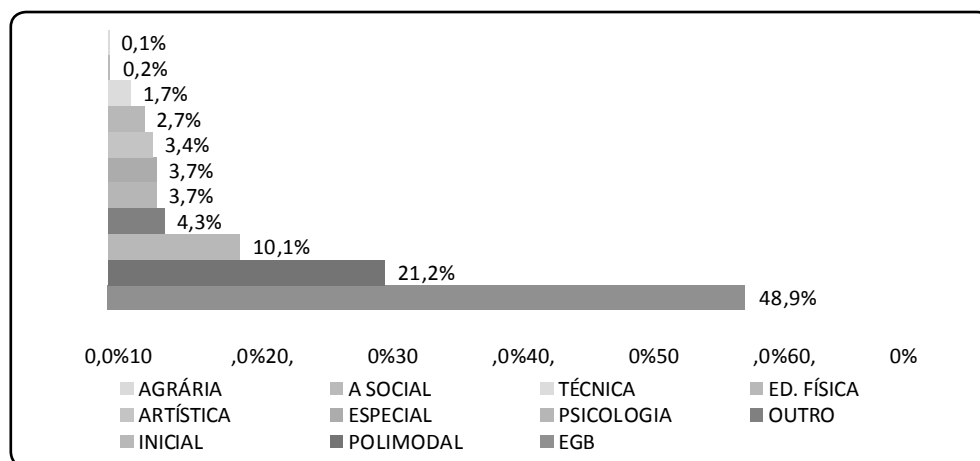
Titular	1427	81,0%
Provisório	223	12,7%
Suplente	101	5,7%
Interino	11	0,6%
<b>TOTAL</b>	<b>1762</b>	<b>100,0%</b>



- » Nível: 67% (n=1.174) dos entrevistados lecionavam na Educação Básica Geral (EBG), 17% (n=294), no polimodal (ensino médio); 11% (n=198), no nível inicial (ensino básico); e 5%, em outro.
- » Ramo: dados a esse respeito são apresentados na tabela a seguir:

**Tabela 3 – Ramo**

RAMO	FREC	
EGB	766	48,9%
Polimodal	332	21,2%
Inicial	158	10,1%
Outro	68	4,3%
Psicologia	58	3,7%
Especial	58	3,7%
Artística	53	3,4%
Ed. Física	43	2,7%
Técnica	27	1,7%
A Social	3	0,2%
Agrária	1	0,1%
<b>TOTAL</b>	<b>1567</b>	<b>100,0%</b>



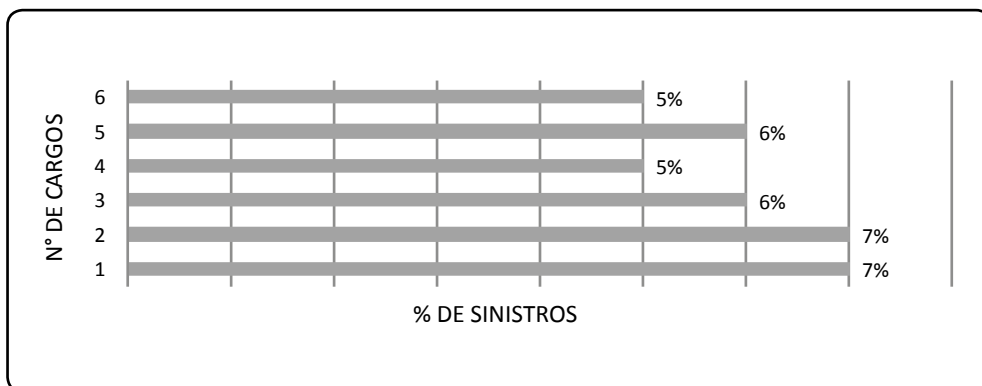
- » Mais da metade (50,4%) dos entrevistados tinha mais de um cargo na docência.
- » A média de instituições em que trabalhavam no momento da enquete era de duas instituições por docente, ligeiramente inferior, em média, à quantidade de instituições em que trabalhavam há 5 anos (2.17).

### Antecedentes dos acidentes

Ante o questionamento sobre a ocorrência de acidentes laborais na escola ou durante horas *in itinere* no último ano, do total de 1.799 docentes, 1.683 (93,6%) responderam que não e 116 docentes (6,3%), que sim. Entre os maiores de 60 anos, o nível de sinistros foi maior que a média (9%), mas igual ao dos docentes do ramo da psicologia (9%) e da EBG (7%). Já os docentes dos ramos da educação física, da educação técnica e da educação especial relataram menos antecedentes de acidentes laborais que a média.

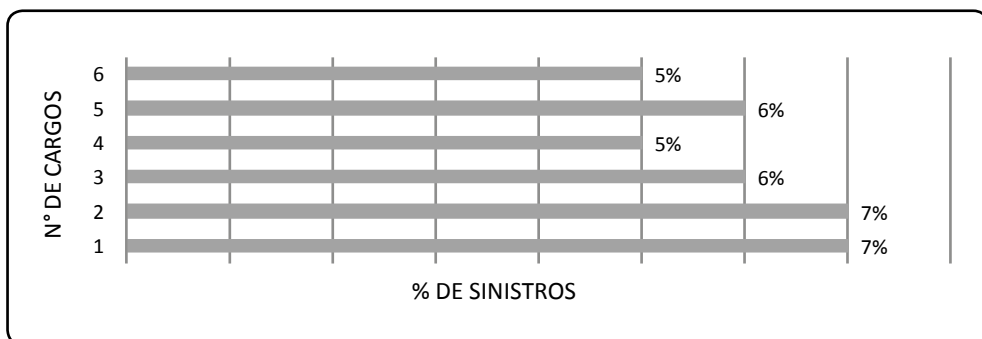
**Tabela 4 – Sinistros, segundo o ramo**

RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
Psicologia	5	9%	53	91%	58
EBG	52	7%	692	93%	744
Artística	3	6%	49	94%	52
Inicial	9	6%	148	94%	157
Ed. Física	2	5%	40	95%	42
Média	15	5%	312	95%	327
Técnica	1	4%	26	96%	27
Especial	2	4%	55	96%	57
A. Social	0	0%	3	100%	3



Os cargos que tiveram maior porcentagem de acidentes de trabalho foram: diretor (10%), preceptor (10%) e vice-diretor (9%). Nesse sentido, observou-se uma relação inversa entre a quantidade de cargos e a porcentagem de sinistros.

**Gráfico 1 – Relação entre número de cargos e sinistros**

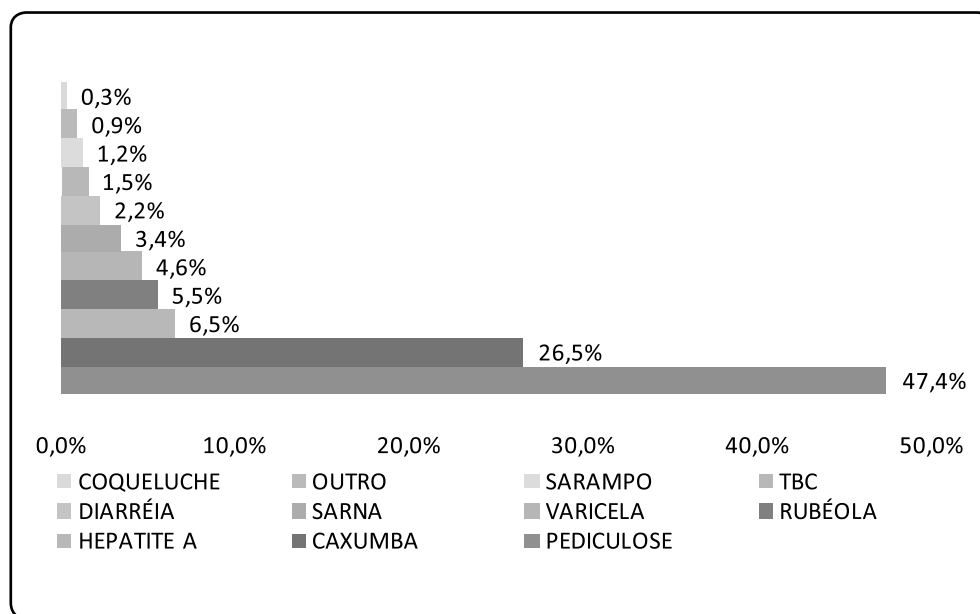


### *Doenças infectocontagiosas*

De um total de 1.620 docentes, 20% (n=325) apresentaram antecedentes de haver adquirido uma atividade infectocontagiosa durante sua atividade laboral, sendo as doenças infectocontagiosas típicas da infância. Muitas delas, no entanto, quando contraídas por adultos, têm geralmente maior morbidade e podem, inclusive, ocasionar a morte. A maioria pode ser prevenida com vacinas, devendo os docentes suscetíveis (aqueles que não contraíram a doença) considerar-se em exposição ao risco por estar em contato com crianças.

**Tabela 5 – Tipos de doença infectocontagiosas**

Pediculose	154	47,4%
Caxumba	86	26,5%
Hepatite A	21	6,5%
Rubéola	18	5,5%
Varicela	15	4,6%
Sarna	11	3,4%
Diarréia	7	2,2%
TBC	5	1,5%
Sarampo	4	1,2%
Outro	3	0,9%
Coqueluche	1	0,3%
<b>TOTAL</b>	<b>325</b>	<b>100,0%</b>

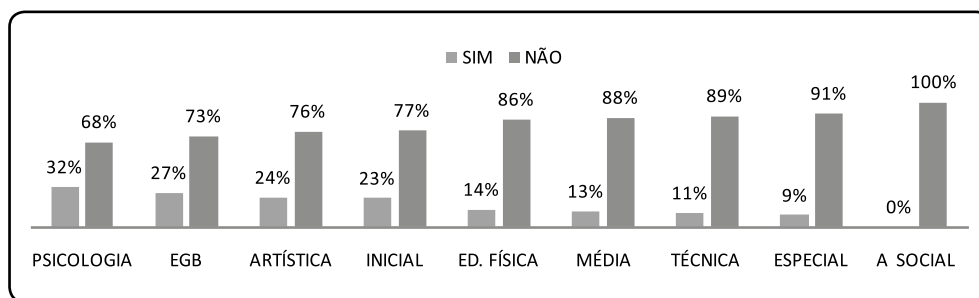


Observou-se maior prevalência de doenças infectocontagiosas nos docentes dos ramos da educação inicial (32%), da EBG (27%), da psicologia (24%), da educação física (23%), nos maestros (27%) e nos preceptores (22%), isto é, naqueles responsáveis pelos alunos.



**Tabela 6 – Relação entre antecedente de doença infectocontagiosas e ramo**

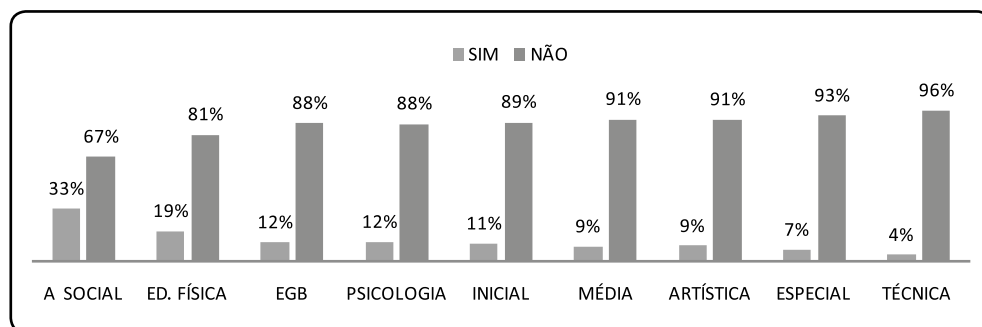
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
Psicologia	45	32%	96	68%	141
EGB	180	27%	480	73%	660
Artística	12	24%	39	76%	51
Inicial	8	23%	27	77%	35
Ed. Física	41	14%	252	86%	293
Média	3	13%	21	88%	24
Técnica	5	11%	40	89%	45
Especial	5	9%	49	91%	54
A. Social	0	0%	2	100%	2



De um total de 1.793 docentes entrevistados, 11% (n=193) afirmaram ter antecedentes de licenças prolongadas ou mudanças de função na sua história laboral. Responderam negativamente 1.600 docentes. Os docentes dos ramos da educação física (19%), da psicologia (12%) e da EGB (12%) tiveram maior porcentagem de licenças ou mudanças de função que outros ramos.

**Tabela 7 – Licenças ou mudanças de função, segundo o ramo**

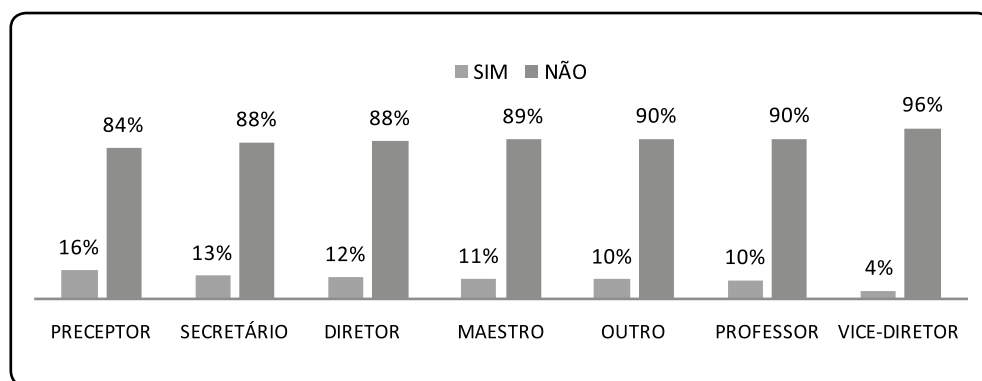
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
A. Social	1	33%	2	67%	3
Ed. Física	8	19%	34	81%	42
EGB	87	12%	650	88%	737
Psicologia	7	12%	51	88%	58
Inicial	17	11%	137	89%	154
Média	30	9%	296	91%	326
Artística	5	9%	48	91%	53
Especial	4	7%	53	93%	57
Técnica	1	4%	26	96%	27



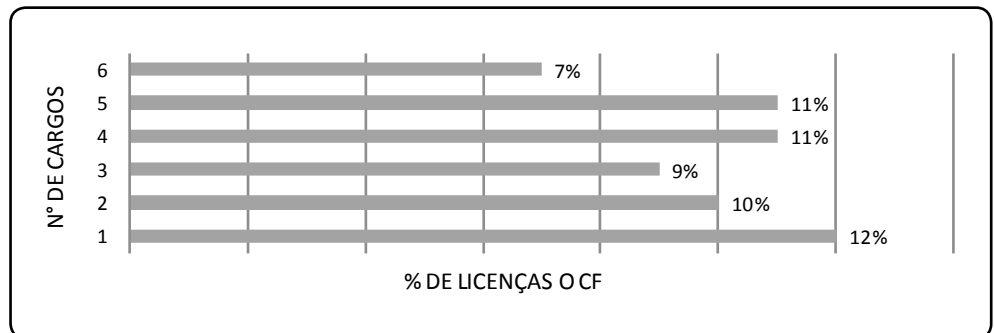
Os docentes com cargo de preceptor (16%), secretário (13%) e diretor (12%) tiveram, também, maior proporção de licenças ou mudanças de função.

**Tabela 8 – Licenças ou mudanças de função e cargo**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Preceptor	19	16%	102	84%	121
Secretário	4	13%	28	88%	32
Diretor	7	12%	52	88%	59
Maestro	82	11%	675	89%	757
Outro	15	10%	128	90%	143
Professor	60	10%	527	90%	587
Vice-diretor	2	4%	45	96%	47



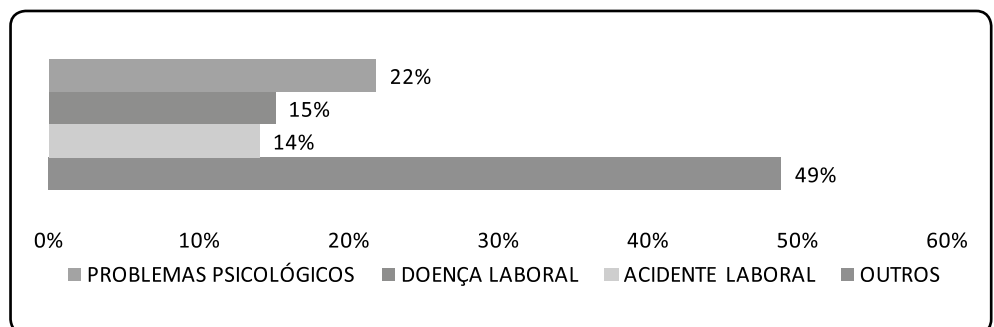
Não se observou uma relação linear entre o número de cargos e a maior porcentagem de licenças ou mudanças de função; inclusive, essa porcentagem diminuiu nos docentes que têm mais de cinco cargos.

**Gráfico 2 – Licenças ou mudanças de função e número de cargos**

Os problemas relacionados à esfera psicológica foram a causa de 22% das licenças ou mudanças de função; as doenças laborais, de 15%; e os acidentes de trabalho, de 14%.

**Tabela 9 – Motivo de licenças ou mudanças de função**

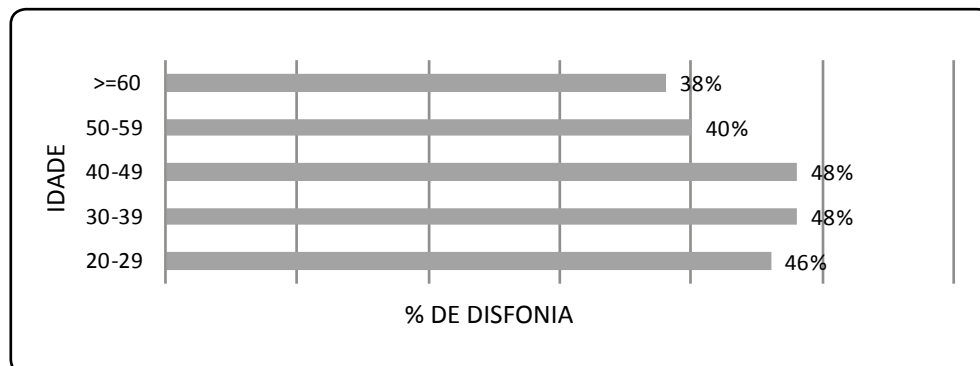
MOTIVO DE LICEÇA O CF		
Problemas Psicológicos	42	22%
Doença Laboral	29	15%
Acidente Laboral	27	14%
Outros	94	49%
<b>TOTAL</b>	<b>192</b>	<b>100%</b>



### *Disfonias profissionais*

Dos 1.821 docentes entrevistados, 46% (n=838) tinham antecedente de disfonias sem febre, sendo que 96% dos casos recuperavam-se no período de férias. Não se observou relação entre a idade do docente e o antecedente positivo de disfonia, sendo maior na faixa etária entre 30 e 49 anos, diminuindo em ambos os extremos.

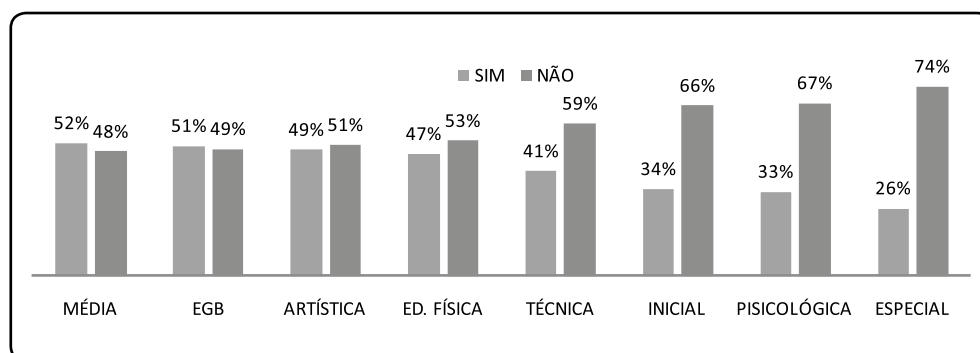
### Gráfico 3 – Disfonias e idade



Nos docentes dos ramos do ensino médio, da EGB, da educação artística e da educação física, registrou-se um antecedente positivo de disfonia maior que a média.

Tabela 10 – Antecedentes de disfonia e ramo

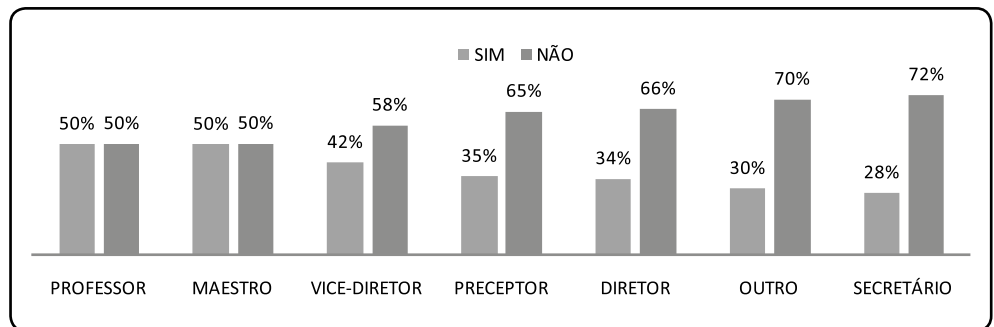
RAMO	SIM	NÃO	TOTAL
Média	170 52%	159 48%	329
EGB	383 51%	374 49%	757
Artística	26 49%	27 51%	53
Ed. Física	75 47%	83 53%	158
Técnica	11 41%	16 59%	27
Inicial	49 34%	96 66%	145
Psicológica	19 33%	39 67%	58
Especial	15 26%	42 74%	57



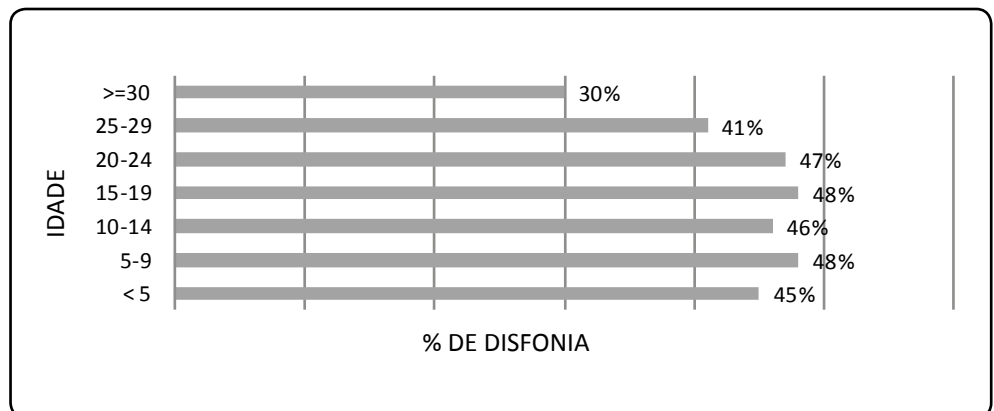
Os maestros e os professores tiveram maior proporção de disfonia que os outros cargos (ambos 50%).

**Tabela 11 – Antecedentes de disфония e cargo**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Professor	297	50%	298	50%	595
Maestro	384	50%	387	50%	771
Vice-diretor	20	42%	28	58%	48
Preceptor	44	35%	80	65%	124
Diretor	21	34%	40	66%	61
Outro	43	30%	100	70%	143
Secretário	9	28%	23	72%	32

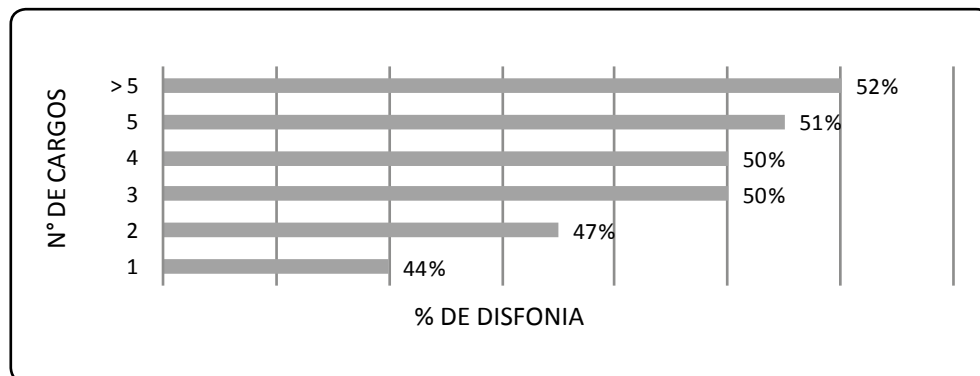


Não se observou relação linear entre anos de antiguidade na docência e antecedente positivo de disфония profissional, sendo este mais frequente nos docentes com uma antiguidade entre cinco e 25 anos, diminuindo em ambos os extremos.

**Gráfico 4 – Disфония e anos de antiguidade na docência**

Observou-se, ainda, uma clara relação linear entre quantidade de cargos e antecedente positivo de disфония.

**Gráfico 5 – Disfonia e número de cargos**



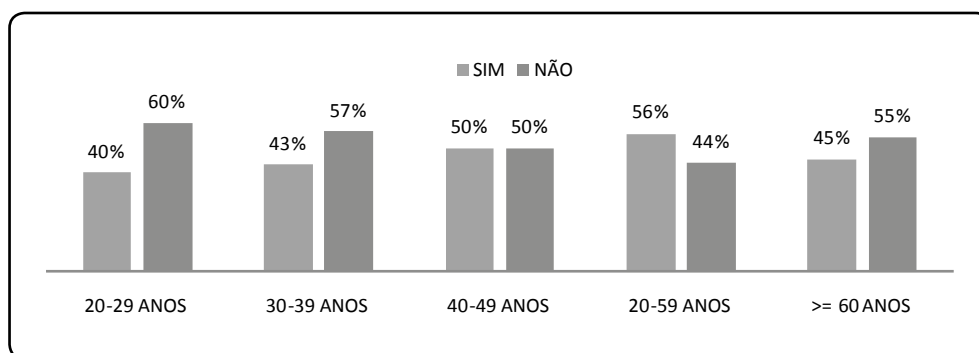
Por fim, somente 92 docentes com antecedentes de disfonia exerciam outra atividade não relacionada à docência, porém não se observou relação estatística entre essas atividades e a presença de disfonia.

*Dores na coluna vertebral*

Ante a pergunta sobre transtornos na coluna vertebral, 851 dos 1.773 docentes entrevistados (48%) responderam que tinham e 922 responderam que não (52%). Nesse sentido, a coluna cervical apareceu como zona mais afetada, seguida da coluna lombar (26%) e, por último, da coluna dorsal (12%). Ainda, os docentes entre 40 e 59 anos tiveram uma maior prevalência de raquialgias que os de idade menor e os maiores de 60 anos.

**Tabela 12 – Antecedente de transtornos na coluna e idade**

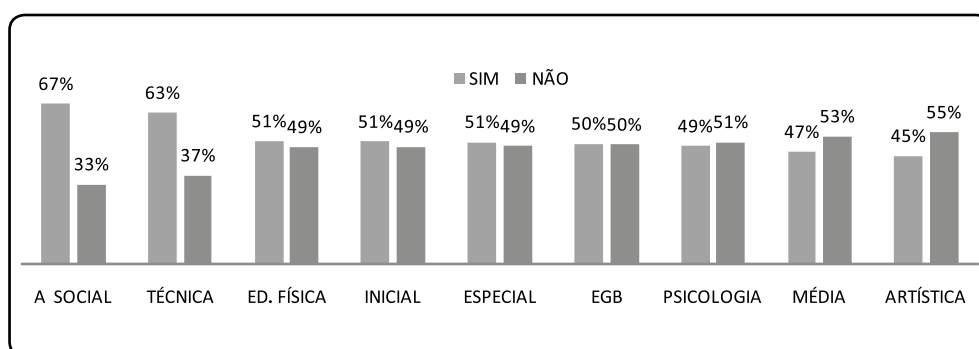
IDADE	SIM		NÃO		TOTAL
20-29 Anos	54	40%	81	60%	135
30-39 Anos	297	43%	389	57%	686
40-49 Anos	286	50%	286	50%	572
20-59 Anos	189	56%	149	44%	338
>= 60 Anos	15	45%	18	55%	33



Os seguintes ramos apresentaram maior frequência de transtornos na coluna vertebral: educação técnica (63%), educação física, educação inicial e educação especial (51%).

**Tabela 13 – Antecedente de transtornos na coluna e ramo**

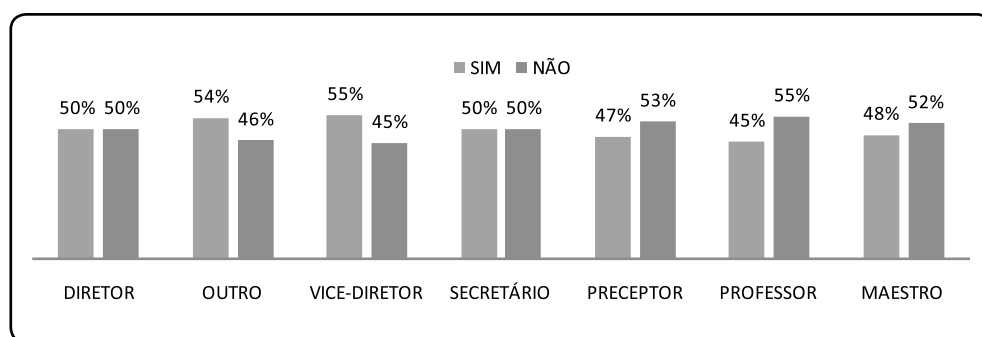
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
A. Social	2	67%	1	33%	3
Técnica	17	63%	10	37%	27
Ed. Física	21	51%	20	49%	41
Inicial	79	51%	76	49%	155
Especial	28	51%	27	49%	55
EGB	372	50%	369	50%	741
Psicologia	28	49%	29	51%	57
Média	152	47%	173	53%	325
Artística	23	45%	28	55%	51



Com respeito ao cargo, os vice-diretores, diretores e secretários relataram raquelalgias com frequência maior que a média.

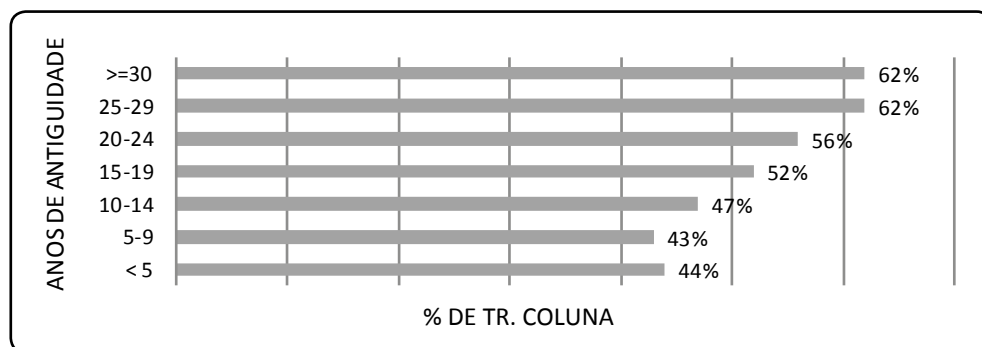
**Tabela 14 – Antecedente de transtornos na coluna e cargo**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Diretor	29	50%	29	50%	58
Outro	75	54%	63	46%	138
Vice-diretor	26	55%	21	45%	47
Secretário	16	50%	16	50%	32
Preceptor	58	47%	65	53%	123
Professor	263	45%	319	55%	582
Maestro	360	48%	393	52%	753



Observou-se, ainda, uma relação linear entre a presença de transtornos na coluna e os anos de antiguidade na docência, sendo mais frequente esse dado nos docentes com mais de 15 anos de antiguidade.

**Gráfico 6 – Antecedente de transtornos na coluna e antiguidade**



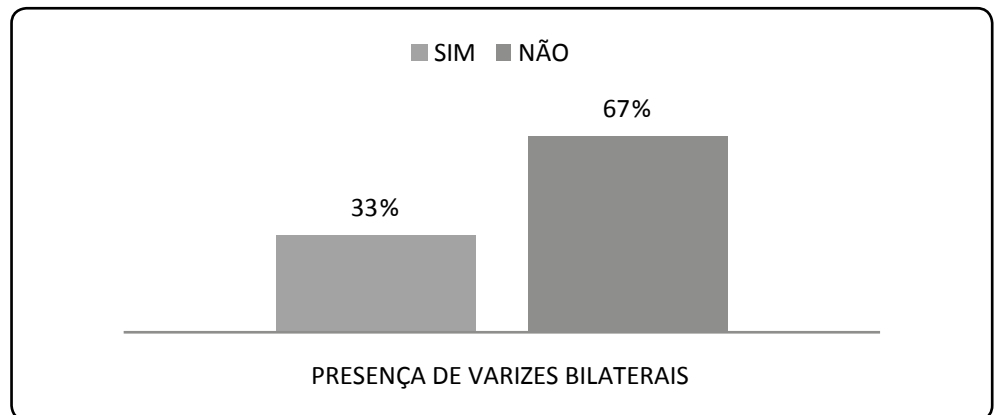
No entanto, não se observou relação entre os transtornos na coluna e a quantidade de cargos, sendo que 84 dos 190 docentes que padeciam de transtornos na coluna vertebral tinham outras atividades alheias à docência. Também não se observou relação estatística entre essas atividades e a presença de raquialgias.



*Varizes bilaterais*

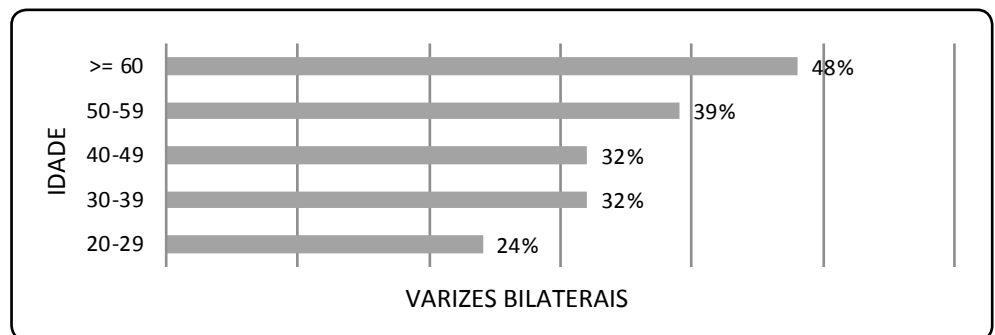
De um total de 1.724 docentes entrevistados, 33% tinham varizes bilaterais e 1.150 negaram esse antecedente.

**Gráfico 7 – Presença de varizes bilaterais**



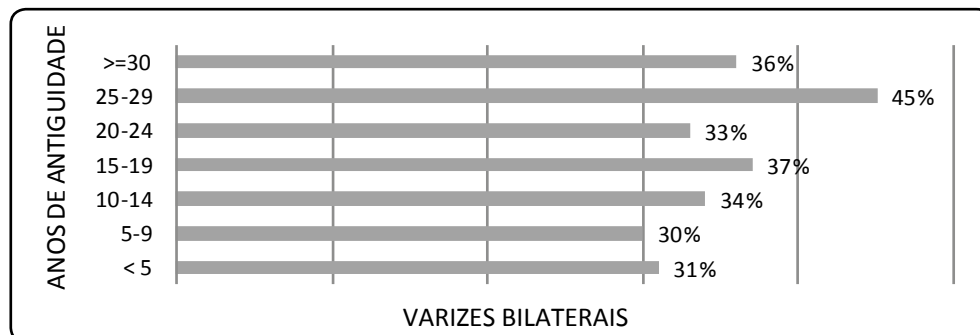
Os docentes com idade mais avançada apresentaram maior porcentagem de ocorrência de varizes bilaterais, isto é, observou-se uma relação entre a idade e as varizes bilaterais.

**Gráfico 8 – Presença de varizes bilaterais e idade**



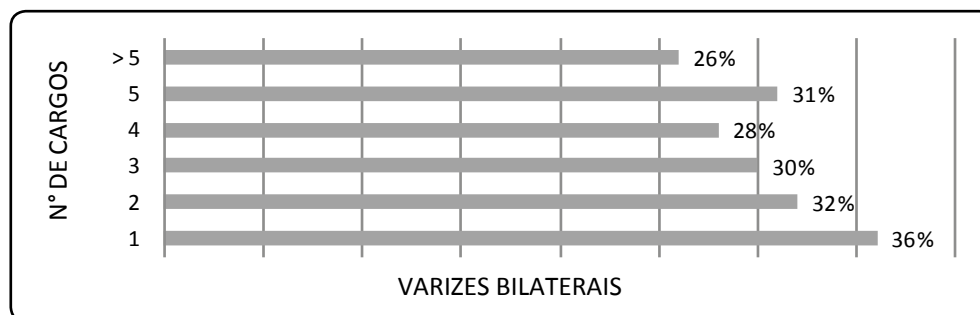
Observou-se, ainda, uma relação ligeiramente ascendente, embora descontínua ou em picos, entre as varizes bilaterais e os anos de antiguidade na docência.

**Gráfico 9 – Presença de varizes bilaterais e antiguidade**



Por outro lado, não se observou o aumento da prevalência de varizes bilaterais em docentes com maior número de cargos.

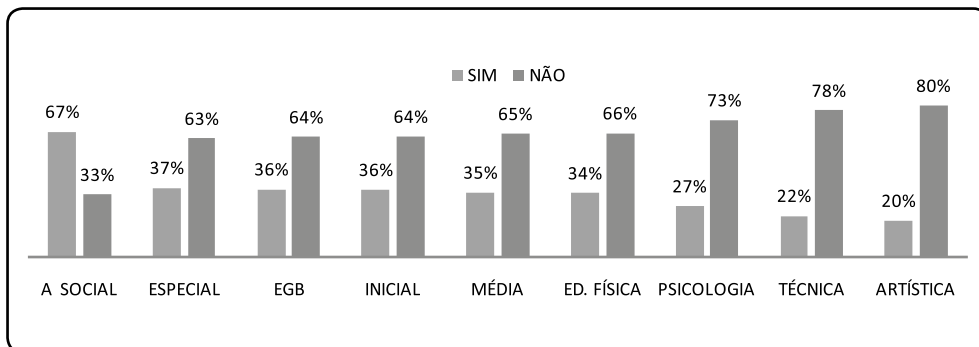
**Gráfico 10 – Presença de varizes bilaterais e número de cargos**



Os docentes do ensino especial, da EBG, da educação inicial, do ensino polimodal e da educação física apresentaram maior presença de varizes bilaterais que a média.

**Tabela 15 – Antecedentes de varizes bilaterais e ramo**

RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
A. Social	2	67%	1	33%	3
Especial	20	37%	34	63%	54
EBG	262	36%	461	64%	723
Inicial	55	36%	98	64%	153
Média	108	35%	205	65%	313
Ed. Física	14	34%	27	66%	41
Psicologia	15	27%	40	73%	55
Técnica	6	22%	21	78%	27
Artística	10	20%	41	80%	51

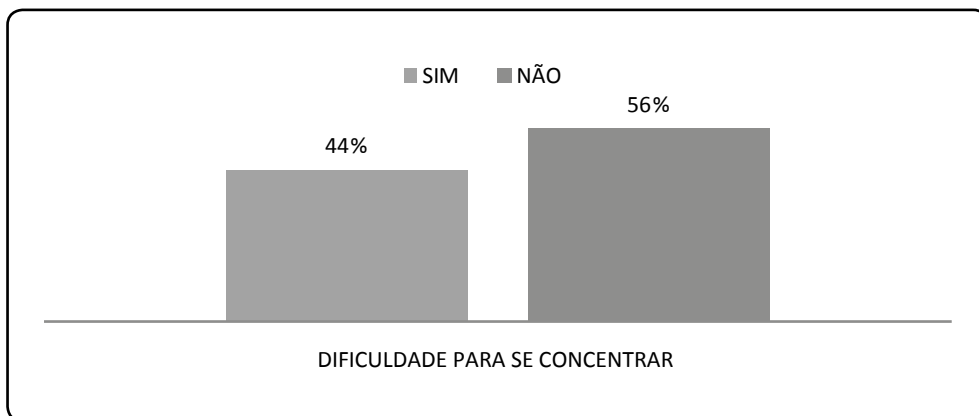


*Dificuldade de concentração*

Dos 1.755 docentes entrevistados, 44% afirmaram ter tido dificuldade para se concentrar no último ano.

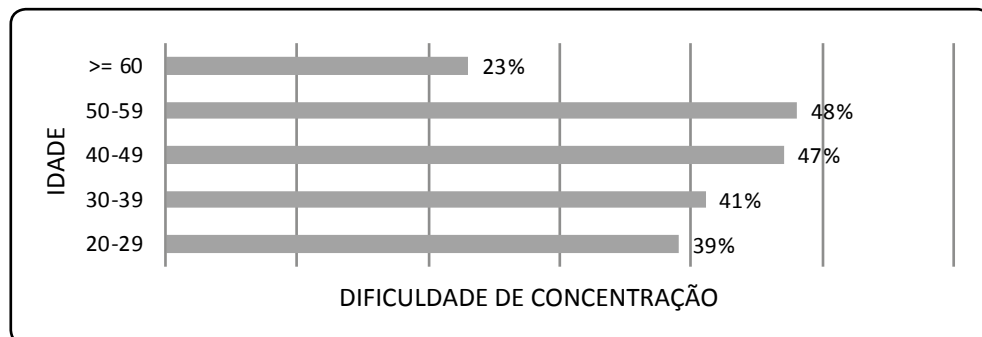
**Tabela 16 – Prevalência de dificuldade para se concentrar**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Dificuldade para se concentrar	769	44%	986	56%	1755



Esse problema apresentou-se com maior frequência nos docentes maiores de 50 anos (48%) e muito abaixo da média em docentes maiores de 60 anos.

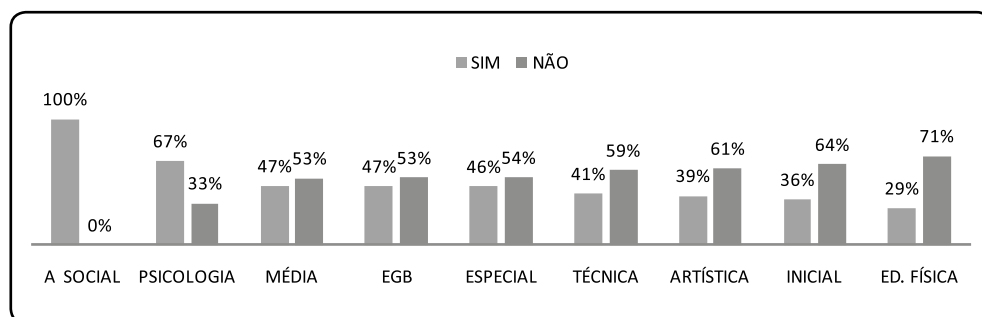
**Gráfico 11 – Dificuldade para se concentrar e idade**



Quase 70% dos docentes do ramo da psicologia afirmaram que tiveram problemas para se concentrar no último ano, sendo que a menor prevalência foi verificada nos professores de educação física (29%).

**Tabela 17 – Dificuldade para se concentrar e ramo**

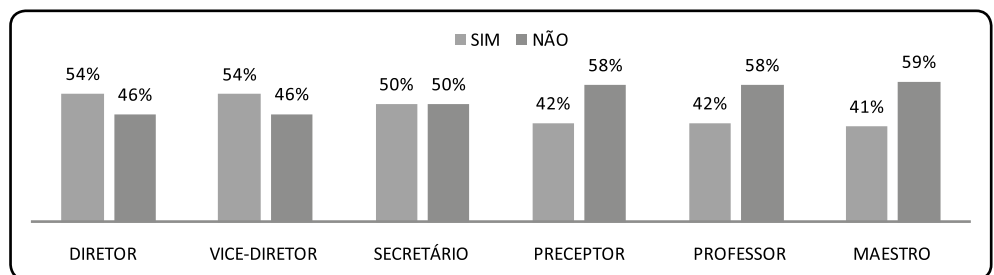
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
A. Social	3	100%	0	0%	3
Psicologia	38	67%	19	33%	57
Média	152	47%	172	53%	324
EGB	345	47%	395	53%	740
Especial	26	46%	30	54%	56
Técnica	11	41%	16	59%	27
Artística	20	39%	31	61%	51
Inicial	56	36%	99	64%	155
Ed. Física	12	29%	29	71%	41



Os docentes com cargo de diretor, vice-diretor e secretário manifestaram esse problema em maior proporção que o restante dos cargos.

**Tabela 18 – Dificuldade para se concentrar e cargo**

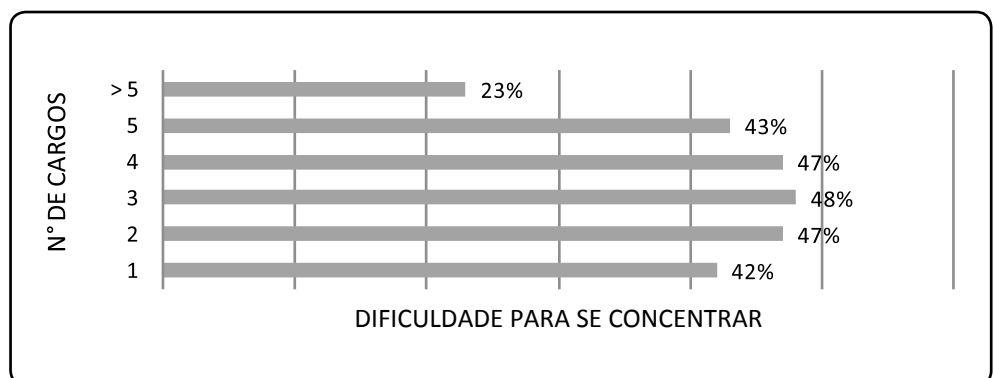
CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Diretor	31	54%	26	46%	57
Vice-diretor	26	54%	22	46%	48
Secretário	16	50%	16	50%	32
Preceptor	244	42%	338	58%	582
Professor	244	42%	338	58%	582
Maestro	303	41%	445	59%	748



Observou-se, ainda, uma relação linear entre a dificuldade para se concentrar e os anos de antiguidade na docência, até 25 anos. Já nos docentes com mais de 25 anos de antiguidade, a presença de dificuldade para se concentrar era menor.

**Gráfico 12 – Dificuldade para se concentrar e antiguidade**

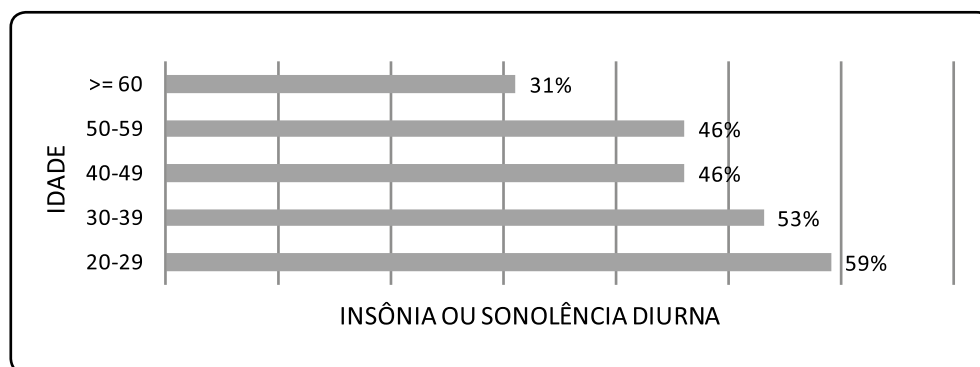
Contudo, não se observou relação direta entre o número de cargos e a dificuldade para se concentrar, havendo, inclusive, uma tendência descendente quando os cargos são cinco ou mais.

**Gráfico 13 – Dificuldade para se concentrar e número de cargos**

### *Insônia ou sonolência diurna*

Dos 1.789 docentes entrevistados, 42% (n=757) afirmaram ter tido insônia ou sonolência durante o dia no último ano. Verificou-se que os docentes mais jovens tinham mais insônia ou sonolência que os mais velhos, sendo que os docentes com menos de 29 anos foram os que com mais frequência acusaram esse problema.

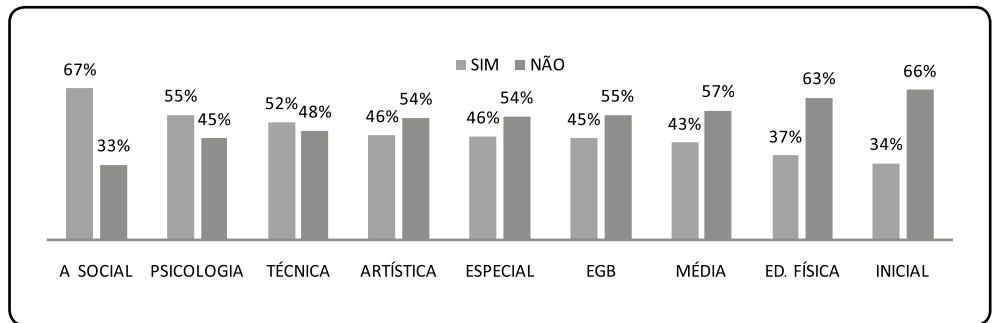
**Gráfico 14 – Insônia ou sonolência diurna e idade**



Entre os docentes do ramo da psicologia, 55% acusaram esse problema.

**Tabela 19 – Insônia ou sonolência diurna e ramo**

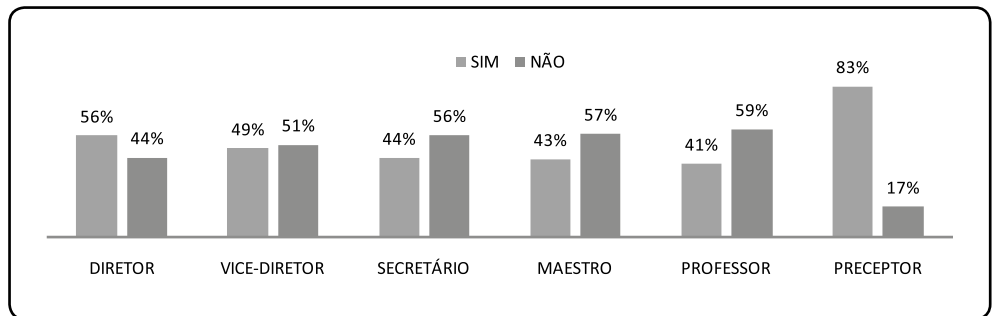
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
A. Social	2	67%	1	33%	3
Psicologia	32	55%	26	45%	58
Técnica	14	52%	13	48%	27
Artística	24	46%	28	54%	52
Especial	26	46%	31	54%	57
EGB	336	45%	413	55%	749
Média	140	43%	187	57%	327
Ed. Física	16	37%	27	63%	43
Inicial	53	34%	103	66%	156



Os diretores e vice-diretores, também apresentaram esse sintoma com maior frequência em comparação com outros cargos.

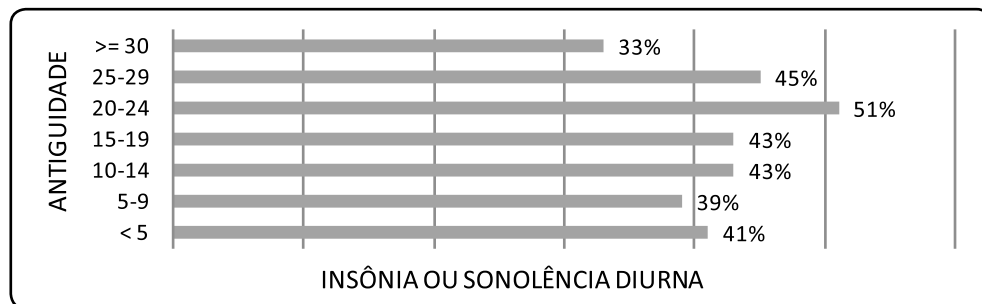
**Tabela 20 – Insônia ou sonolência diurna e cargo**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Diretor	33	56%	26	44%	59
Vice-diretor	23	49%	24	51%	47
Secretário	14	44%	18	56%	32
Maestro	328	43%	434	57%	762
Professor	238	41%	349	59%	587
Preceptor	44	83%	9	17%	53



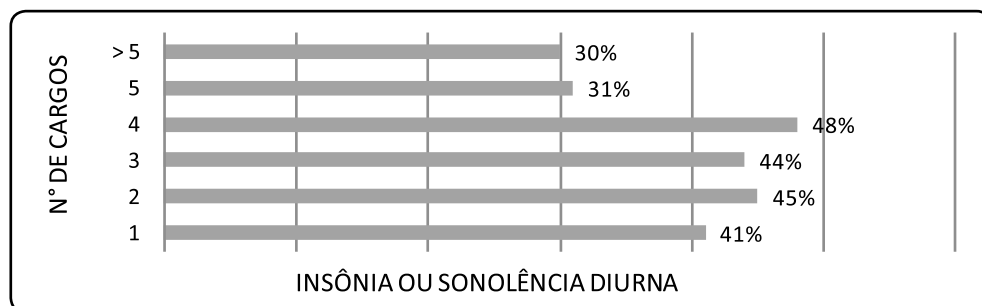
Ainda, não se observou relação entre anos de antiguidade na docência e maior prevalência de insônia ou sono diurno.

**Gráfico 15 – Insônia ou sonolência diurna e antiguidade**



Da mesma forma, não se observou relação entre esse problema e a quantidade de cargos que tinha o docente.

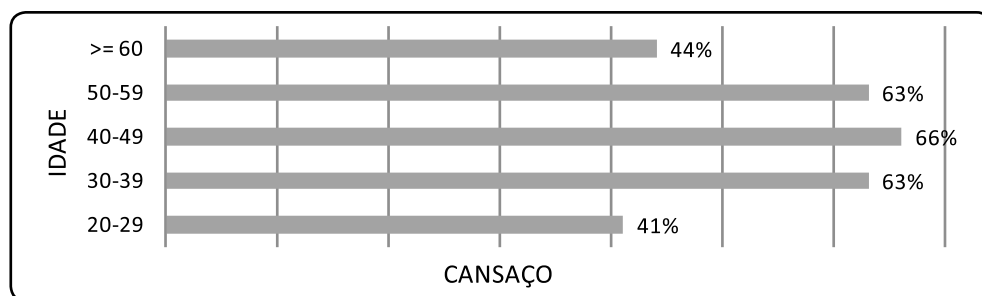
**Gráfico 16 – Insônia ou sonolência diurna e número de cargos**



*Cansaço prolongado*

Ante a pergunta sobre a ocorrência de cansaço prolongado no último ano, 63% dos 1.782 docentes responderam que tiveram. Quanto à idade, os mais afetados por cansaço prolongado foram os docentes de 40 a 49 anos.

**Gráfico 17 – Cansaço e idade**

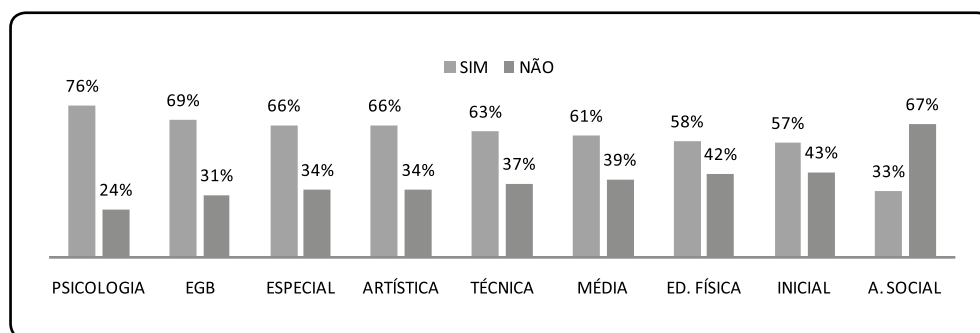




Os docentes da psicologia, da EGB, da educação especial e da educação artística corresponderam aos que com mais frequência relataram o problema.

**Tabela 21 – Cansaço e ramo**

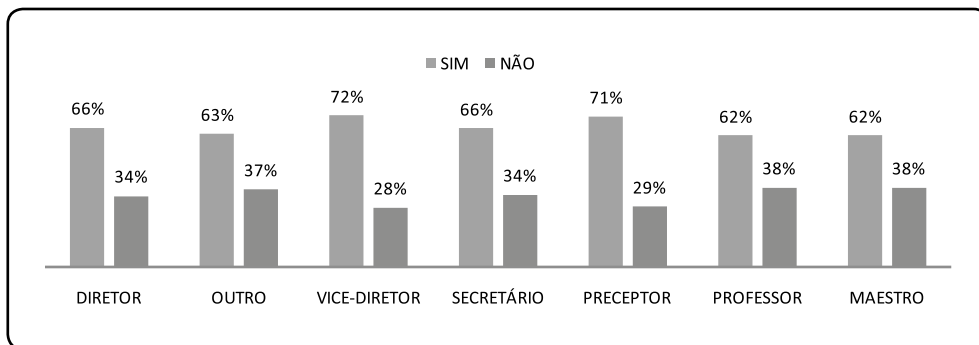
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
Psicologia	44	76%	14	24%	58
EGB	513	69%	234	31%	747
Especial	37	66%	19	34%	56
Artística	35	66%	18	34%	53
Técnica	17	63%	10	37%	27
Média	198	61%	127	39%	325
Ed. Física	25	58%	18	42%	43
Inicial	90	57%	67	43%	157
A. Social	1	33%	2	67%	3



O cansaço também foi mais frequente nos docentes com os seguintes cargos: vice-diretor (72%), preceptor (71%) e diretor (66%).

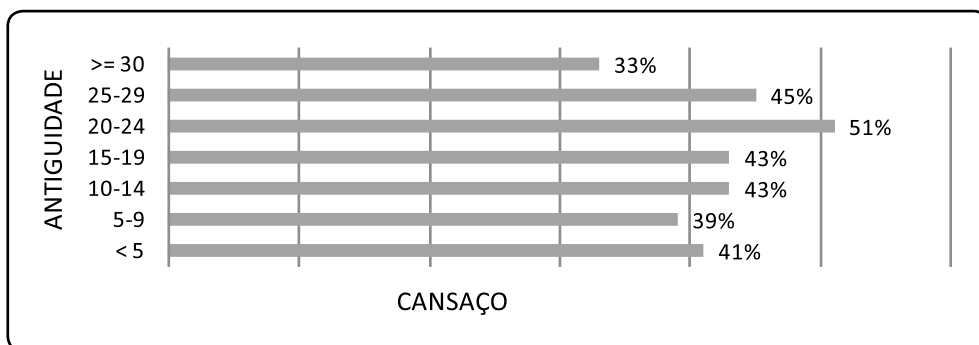
**Tabela 22 – Cansaço e cargo**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Diretor	39	66%	20	34%	59
Outro	89	63%	52	37%	141
Vice-diretor	33	72%	13	28%	46
Secretário	21	66%	11	34%	32
Preceptor	87	71%	35	29%	122
Professor	364	62%	221	38%	585
Maestro	472	62%	286	38%	758



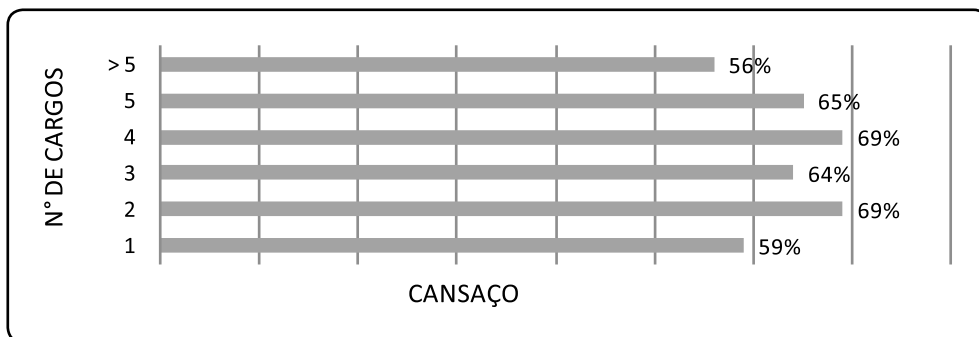
Não se observou que os docentes de maior antiguidade apresentaram maior prevalência de cansaço que os mais recentes na docência (tamanho da amostra: 1.125 docentes).

**Gráfico 18 – Cansaço e antiguidade**



Da mesma forma, não se observou relação entre cansaço e maior quantidade de cargos, em uma amostra de 1.106 docentes.

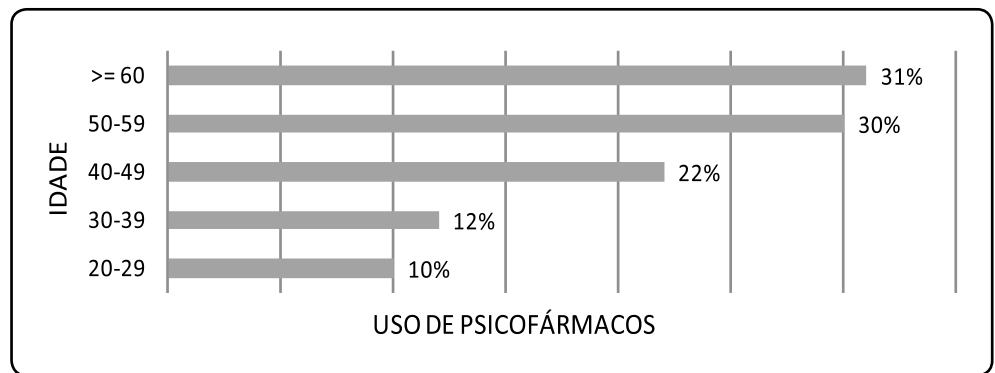
**Gráfico 19 – Cansaço e número de cargos**



### Consumo de psicofármacos

De um total de 1.796 docentes entrevistados, 344 (19%) afirmaram ter consumido algum tipo de psicofármaco no último ano. Na maior parte dos casos, este foi indicado por um médico psiquiatra (62%), porém 10% consumiram-no por automedicação e 28%, por indicação de um psiquiatra. Além disso, o uso de psicofármacos era mais frequente nos docentes acima de 40 anos, observando-se uma relação linear entre idade e consumo dessas substâncias.

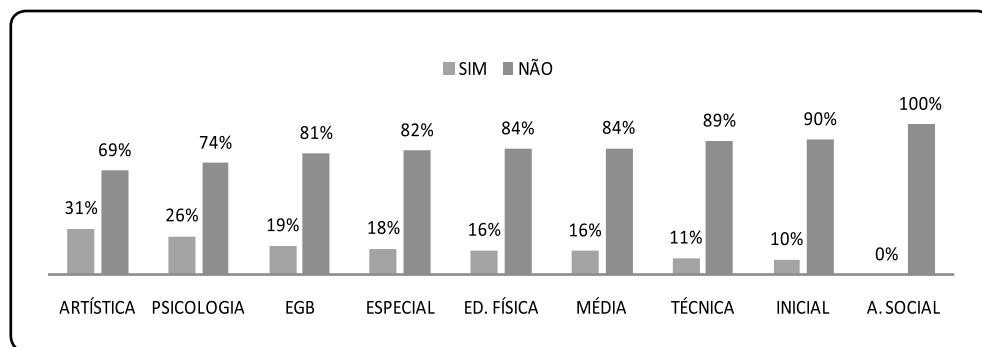
**Gráfico 20 – Uso de psicofármacos e idade**



O maior uso de psicofármacos foi verificado entre os docentes dos ramos da educação artística (31%) e da psicologia (26%).

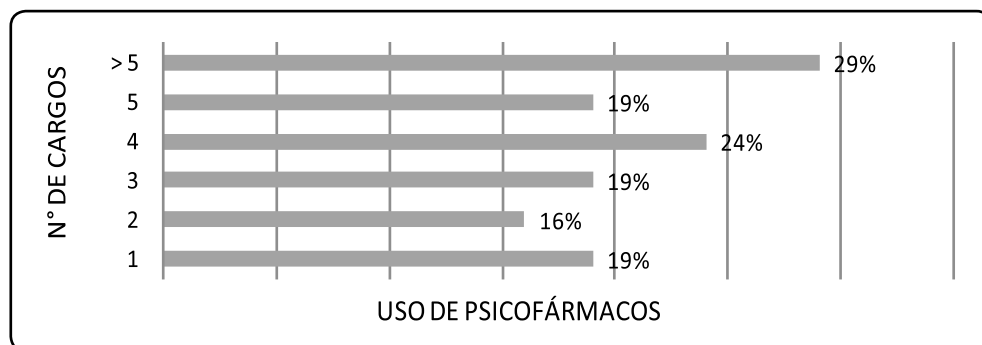
**Tabela 23 – Psicofármacos e ramo**

RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
Artística	16	31%	36	69%	52
Psicologia	15	26%	43	74%	58
EGB	145	19%	605	81%	750
Especial	10	18%	47	82%	57
Ed. Física	7	16%	36	84%	43
Média	52	16%	275	84%	327
Técnica	3	11%	24	89%	27
Inicial	16	10%	142	90%	158
A. Social	0	0%	3	100%	3



Ainda, o consumo foi mais prevalente entre os diretores e vice-diretores. Quanto ao número de cargos, entre os docentes com mais de cinco cargos, ocorreu maior consumo de psicofármacos (29%).

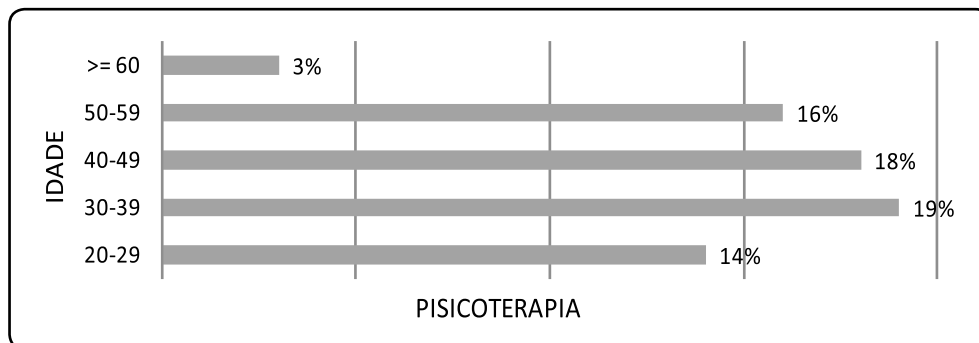
**Gráfico 21 – Uso de psicofármacos e número de cargos**



### Psicoterapia

Dos 1.788 docentes entrevistados, 17% realizou psicoterapia no último ano, sendo que 76% destes se trataram com psicólogos particulares e 19% realizaram sua terapia no SUTEBA; 5% não foram questionados ou não contestaram. Quanto à idade, os docentes com idade compreendida entre 30 e 39 anos foram os que com mais frequência responderam ter feito psicoterapia, seguidos pelos da faixa entre 40 e 49 anos; somente 3% dos maiores de 60 anos tinham esse antecedente.

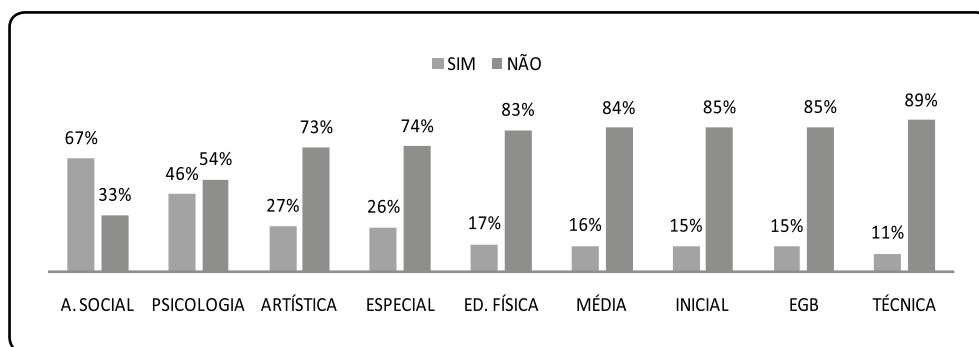
**Gráfico 22 – Psicoterapia e idade**



Ainda, 46% dos docentes do ramo da psicologia tinham feito psicoterapia, valor muito maior a média.

**Tabela 24 – Psicoterapia e ramo**

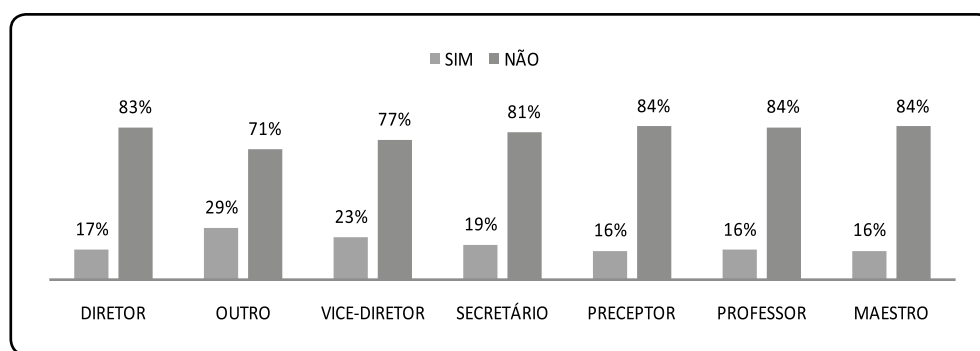
RAMO	SIM		NÃO		TOTAL
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	
A. Social	2	67%	1	33%	3
Psicologia	26	46%	31	54%	57
Artística	14	27%	38	73%	52
Especial	15	26%	42	74%	57
Ed. Física	7	17%	35	83%	42
Média	51	16%	275	84%	326
Inicial	24	15%	134	85%	158
EGB	112	15%	634	85%	746
Técnica	3	11%	24	89%	27



Quanto ao cargo, os vice-diretores e secretários foram os que mais haviam feito psicoterapia.

**Tabela 25 – Psicoterapia e cargo**

CARGO	SIM		NÃO		TOTAL
Diretor	10	17%	50	83%	60
Outro	40	29%	100	71%	140
Vice-diretor	11	23%	36	77%	47
Secretário	6	19%	25	81%	31
Preceptor	20	16%	104	84%	124
Professor	96	16%	489	84%	585
Maestro	124	16%	637	84%	761



Não se observou relação linear entre antiguidade na docência e psicoterapia, tampouco entre o número de cargos e a psicoterapia.

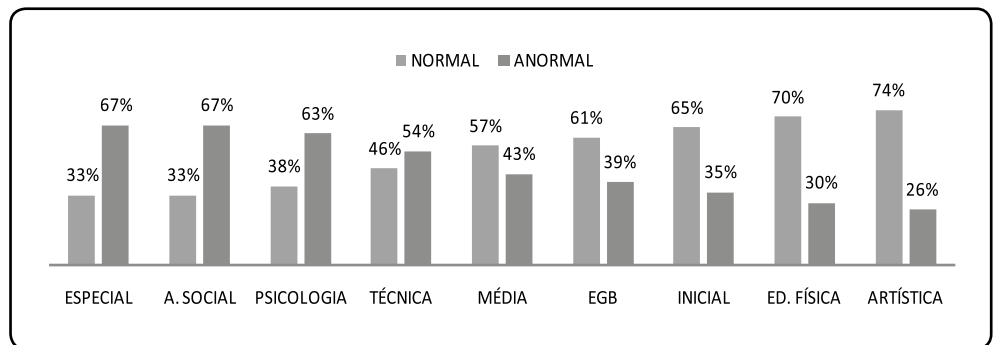
### Fatores de risco (*screening*)

O Índice de Massa Corporal (IMC) ou Body Mass Index (BMI) é um índice usado para valorar o estado nutricional do paciente, calculado levando em consideração o peso e o tamanho para determinar se o paciente apresenta peso baixo, peso normal, sobrepeso ou obesidade.

De um total de 1.375 pacientes pesados e medidos, 38% tinham um BMI anormal; destes, quase 70% referem-se aos docentes do ramo especial. Ainda, os docentes de psicologia (63%), técnico (54%) e polimodal (43%) apresentaram um BMI alterado em maior proporção que a média.

**Tabela 26 – BMI e ramo**

RAMO	NORMAL		ANORMAL		TOTAL
Especial	14	33%	28	67%	42
A. Social	1	33%	2	67%	3
Psicologia	18	38%	30	63%	48
Técnica	11	46%	13	54%	24
Média	154	57%	118	43%	272
EGB	364	61%	237	39%	601
Inicial	79	65%	42	35%	121
Ed. Física	26	70%	11	30%	37
Artística	28	74%	10	26%	38

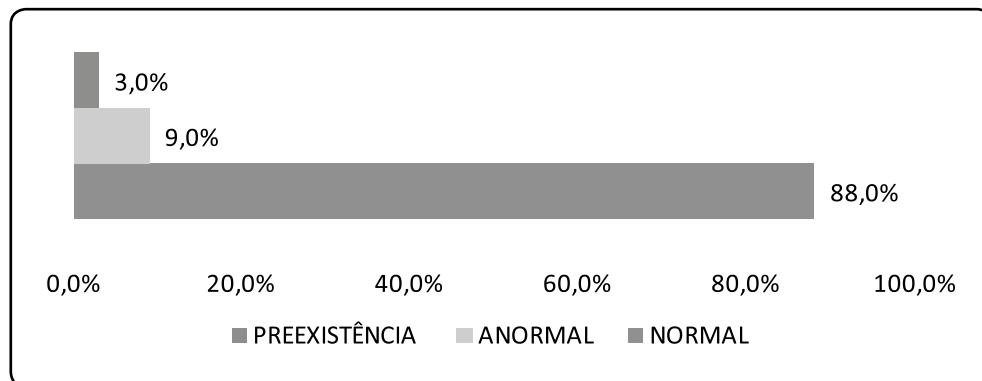


### *Pressão arterial*

Registra-se o valor da pressão arterial para fazer o diagnóstico de hipertensão arterial, um processo, geralmente, silencioso por muitos anos e, quando manifesto, traz consequências graves (derrames ou embolias cerebrais, infartos do miocárdio, arterioscleroses, insuficiência cardíaca etc.).

Dos 1.471 docentes que tiveram a pressão arterial aferida, 3% (n=49) sabiam-se hipertensos, 9% (130 docentes) tinham a pressão alta e desconheciam o fato, e 88% tinham a pressão arterial normal (n=1.292). Em suma, a prevalência de pressão arterial elevada no grupo rastreado foi de 12%.

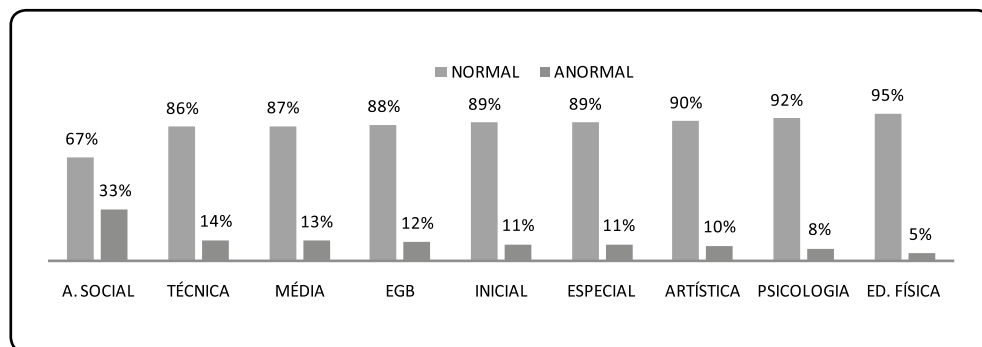
### Gráfico 23 – Pressão arterial



Os docentes da educação técnica e ensino médio tiveram uma prevalência de pressão arterial elevada maior que o restante dos docentes; já a amostra de ação social foi considerada muito pequena.

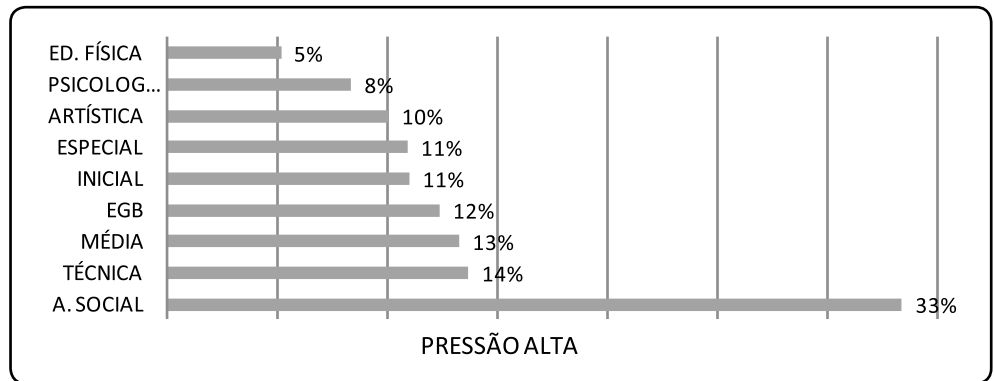
Tabela 27 – Pressão arterial e ramo

RAMO	NORMAL		ANORMAL		TOTAL
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	
A. Social	2	67%	1	33%	3
Técnica	19	86%	3	14%	22
Média	243	87%	37	13%	280
EGB	562	88%	79	12%	641
Inicial	122	89%	15	11%	137
Especial	41	89%	5	11%	46
Artística	36	90%	4	10%	40
Psicologia	44	92%	4	8%	48
Ed. Física	37	95%	2	5%	39





**Gráfico 24 – Pressão arterial e ramo**



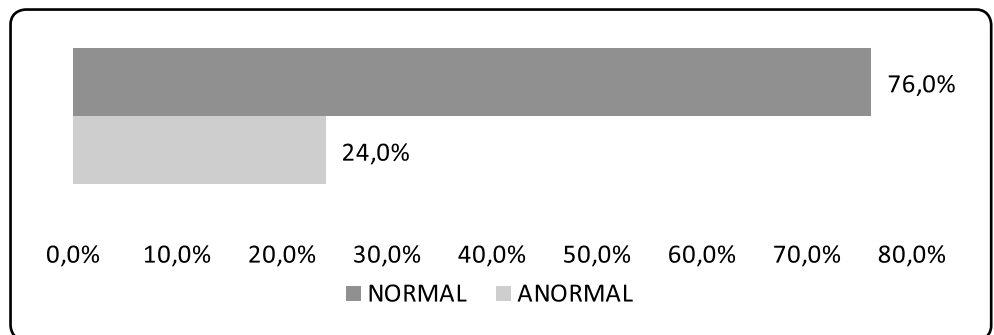
*Colesterol*

É outro dos fatores de risco para as doenças do coração e as artérias, que, por sua vez, são a principal causa de morte na Argentina e na maior parte do mundo. Dessa forma, deve-se solicitar colesterolemia a:

1. homens a partir dos 40 anos e mulheres a partir dos 50 anos (se tiverem fatores de risco coronário, pedir antes);
2. pacientes com sintomas ou história familiar de doença coronária precoce (pedir na adolescência).

Nos dois anos do programa, avaliou-se o colesterol de 900 docentes, sendo que 24% apresentaram valores elevados; ainda, 10% dos docentes controlados desconheciam que tinham valores elevados de colesterol.

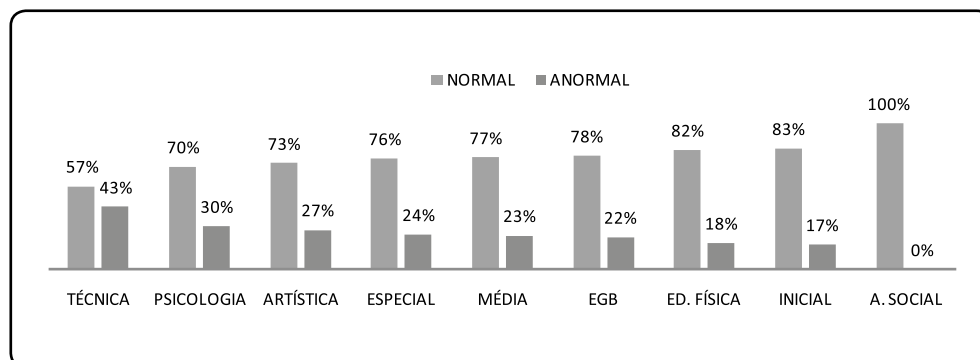
**Gráfico 25 – Colesterol no sangue**



Os docentes dos ramos da educação técnica, da psicologia e da educação artística tiveram prevalências maiores que a média (43%, 30% e 27%, respectivamente).

**Tabela 28 – Lipídios e ramo**

RAMO	NORMAL		ANORMAL		TOTAL
Técnica	8	57%	6	43%	14
Psicologia	19	70%	8	30%	27
Artística	16	73%	6	27%	22
Especial	19	76%	6	24%	25
Média	128	77%	39	23%	167
EGB	281	78%	80	22%	361
Ed. Física	18	82%	4	18%	22
Inicial	63	83%	13	17%	76
A. Social	2	100%	0	0%	2



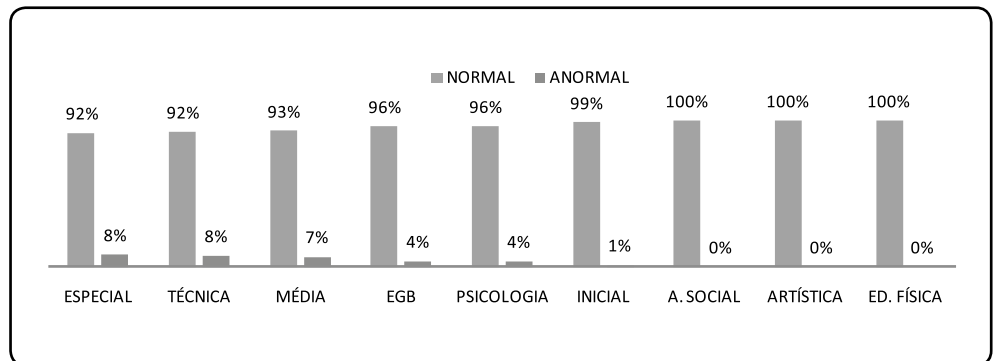
*Glicemia (açúcar no sangue)*

O aumento da glicemia produz uma doença chamada Diabetes mellitus, que pode, com o tempo, afetar o coração, as artérias, os rins e a retina, sendo, também, um fator de risco importante para doenças cardiovasculares. No início, pode ser assintomática e só pode ser detectada por essa análise. Assim, deve-se solicitar exame de glicemia a obesos, pacientes com pressão alta, colesterol alto, com antecedentes de diabetes em familiares de primeiro grau, mulheres com recém-nascidos de peso menor que 4 kg ou com antecedentes de diabetes gestacional. Pede-se o exame, pela primeira vez, antes dos 45 anos.

Foi pedido exame de glicemia a 871 docentes, tendo havido prevalência de glicemia elevada de 5%. Ainda, os docentes de especial, técnica e média foram os que apresentaram maior prevalência.

Tabela 29 – Glicemia e ramo

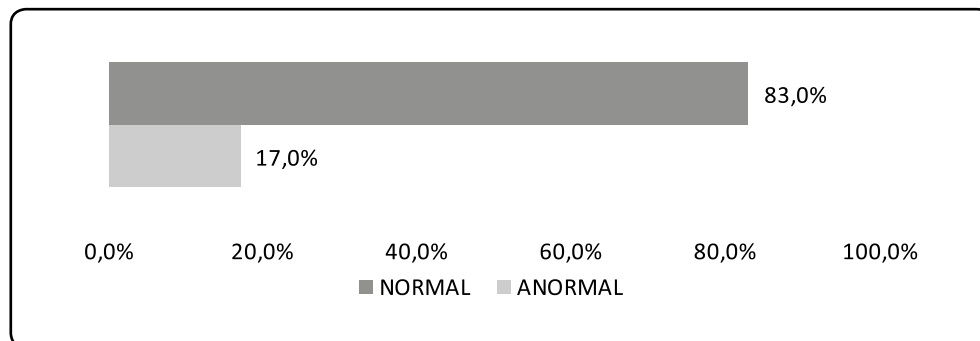
RAMO	NORMAL		ANORMAL		TOTAL
Especial	22	92%	2	8%	24
Técnica	12	92%	1	8%	13
Média	157	93%	12	7%	169
EGB	341	96%	14	4%	355
Psicologia	25	96%	1	4%	26
Inicial	74	99%	1	1%	75
A. Social	2	100%	0	0%	2
Artística	23	100%	0	0%	23
Ed. Física	20	100%	0	0%	20



### Exame de acuidade visual

- » Deve-se realizar esse exame em todos os pacientes uma vez por ano e, especialmente, nos maiores de 65 anos; ele é feito no consultório do médico generalista, com uma lâmina especial.
- » Avaliou-se a acuidade visual de 580 docentes, sendo que, destes, 153 (8%) já tinham alterações visuais; ainda, 427 desconheciam ter problemas desse tipo, sendo que 17% (n=74) apresentaram anormalidade.

## Gráfico 26 – Acuidade visual



### *Exame de acuidade auditiva*

Deve-se realizar esse exame em todos os pacientes uma vez por ano e, especialmente, nos maiores de 65 anos; ele é feito médico generalista, por meio de um teste de voz cochichada no consultório.

Avaliou-se a audição de 478 docentes, sendo que 4% deles (n=17) já apresentavam alterações da audição no momento do exame (preexistência); dos restantes, em 5% (n=22) foram detectadas anomalias no teste. Esses pacientes foram encaminhados ao médico otorrinolaringologista. Por fim, 91% (n=439 docentes) apresentaram exame de audição normal.

### *Exame de coluna vertebral*

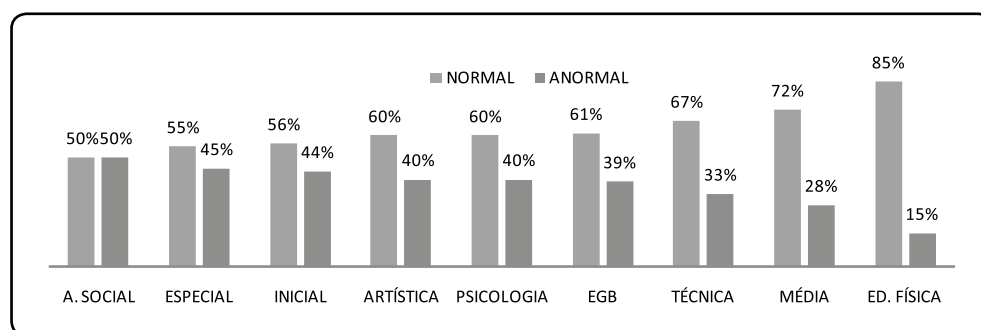
Os problemas relacionados com a coluna vertebral, desde a presença de dor sem lesões e contraturas musculares até a existência de lesões como hérnias de disco, são causas frequentes de desconforto, mal-estar e absenteísmo laboral. Existem ramos dentro da docência que, por trabalhar com sobrecarga de peso ou realizar atividades de alto impacto para a coluna, poderiam ser mais suscetíveis a sofrer esse tipo de transtorno, como, por exemplo, o ramo inicial, a educação especial e os professores de educação física.

Os objetivos de vigiar a presença de sintomas ou sinais de patologia vertebral são fundamentalmente dois: o primeiro deles é preventivo, por meio de conselhos corretivos e exercícios para as posturas e os esforços que podem ocasionar esses sintomas; o outro objetivo é detectar lesões na coluna, como fisgadas, hérnias de disco, artroses etc. É preciso relacionar esses achados com a história laboral do docente, na busca de fatores que possam ter ocasionado ou agravado uma lesão desse tipo. Assim, deve-se realizar a busca ativa de sintomas relacionados à coluna vertebral em todos os docentes, mas, fundamentalmente, naqueles dos ramos citados.

Dos 579 docentes examinados, 32% (n=186) apresentaram problemas relacionados à coluna vertebral, sendo que 104 docentes já tinham conhecimento sobre existência de patologia na coluna vertebral (preexistência). Ainda, os docentes dos ramos da educação especial (45%) e da educação inicial (44%) tiveram uma prevalência de problemas de coluna maior que o restante.

**Tabela 30 – Transtornos de coluna e ramo**

RAMO	NORMAL		ANORMAL		TOTAL
A. Social	1	50%	1	50%	2
Especial	11	55%	9	45%	20
Inicial	31	56%	24	44%	55
Artística	6	60%	4	40%	10
Psicologia	9	60%	6	40%	15
EGB	138	61%	88	39%	226
Técnica	4	67%	2	33%	6
Média	61	72%	24	28%	85
Ed. Física	11	85%	2	15%	13



### *Prevenção da disfonia profissional*

A disfonia é uma das duas doenças profissionais reconhecidas pela lei em docentes. Realizou-se laringoscopia indireta em 291 docentes, encontrando-se alterações em 22% (n=64).

### *Busca de varizes bilaterais*

- » Deve-se interrogar e buscar ativamente a presença de varizes bilaterais em todos os docentes.
- » Ressalte-se que, dos 461 docentes examinados, 37% tinham varizes bilaterais.

## Conclusão

O perfil do docente que realizou o exame de saúde foi:

1. mulher, de meia-idade (42 anos), com dois conviventes, responsável pelo sustento da família em 57% dos casos (é importante esclarecer que, nos anos da pesquisa, a Argentina passou por uma de suas crises sociais e econômicas mais graves);
2. mulher com mais de um cargo na docência, trabalhando em média em duas instituições, com 12 anos de antiguidade na docência, maestrina de EBG ou professora de polimodal, titular no seu cargo e trabalhando oito horas diárias em média.

A disfonia profissional apareceu como problema prevalecente, sobretudo nos docentes responsáveis por alunos. Entre os sintomas mais frequentes, estavam: a dificuldade para se concentrar, a sonolência durante o dia, a insônia e o cansaço prolongado, assim como as dores cervicais. Por sua vez, os problemas psicológicos foram a causa de 20% das licenças ou mudanças de função, sendo que 20% dos docentes consumiam psicofármacos e 20% automedicavam-se.

As doenças infectocontagiosas apresentaram uma prevalência de 20%, confirmando a suscetibilidade dos docentes e sua posição de risco ao estar em contato com crianças. Na amostra estudada, houve 21 casos de hepatite A, doença profissional para a qual os docentes suscetíveis deveriam estar vacinados. Por outro lado, a hipertensão arterial, a alteração de peso e os níveis elevados de glicemia mostraram prevalências similares aos da população geral. Isso, somado ao grau importante de tabagismo (não medido neste estudo), corrobora a necessidade de medidas corretivas peremptórias para evitar a consequência desse fator de risco, a doença cardiovascular. Verificou-se, ainda, a variabilidade nas prevalências de problemas de saúde entre diferentes ramos, apontando a necessidade de estabelecer olhares focados segundo a especificidade.

Todos esses achados, dados e estatísticas foram utilizados, a partir do ano de 2008, para discussão, período em que a negociação coletiva foi habilitada na Província de Buenos Aires, com a participação dos sindicatos docentes e o empregador. Trabalhou-se em diferentes comissões técnicas, nas quais as partes aportaram documentação de apoio para construir uma agenda temática e política dos temas. O tema da saúde laboral foi um dos itens que surgiram em forma de consenso.

Os ganhos alcançados até a atualidade são, entre outros:

- » exames médicos preventivos: levando em consideração o baixo registro de docentes, os riscos à saúde para a população e a falta de exames preventivos realizados, conveniou-se outorgar dois dias de licença anual com caráter preventivo

- para que os docentes tenham a possibilidade de realizar os estudos clínicos correspondentes, segundo sexo e idade. Foi um ganho inédito ao país;
- » exames periódicos de saúde: mesmo sendo obrigatórios por parte do empregador, deveria ter sido determinada a visibilidade do seu não cumprimento. A clareza desta pesquisa colocou em evidência a falta de detecção precoce, por parte do empregador, das doenças laborais;
  - » exames de preocupações: na atividade docente, é comum que não se realize o exame de saúde no ingresso no sistema educativo, realizado após anos de trabalho, evidenciando muitas vezes danos à saúde dos colegas, com a consequente impossibilidade de avançar na carreira profissional por causa das doenças. Conseguiu-se que os colegas que não tinham realizado o exame de preocupações ficassem definitivamente incorporados ao sistema laboral, sem levar em consideração as patologias detectadas;
  - » disfonias profissionais: constituem uma das doenças mais sentidas, mas estão incorporadas como “normais” pelos docentes. Acordou-se a incorporação de um método de detecção precoce de doenças da voz e de doenças não contempladas na lista de doenças profissionais. Isso foi acrescentado pelo sindicato e aceito em nível provincial e nacional;
  - » preceptores: este cargo não era considerado docente; com isso, os preceptores com disfonias não eram reconhecidos com doença profissional. Este trabalho de pesquisa ofereceu a base para realizar outro relacionado especificamente com o tema de patologia da voz. logrou-se determinar que o preceptor tem responsabilidade com alunos (como ocorre no trabalho real) e, portanto, pode padecer de disfonias de origem laboral;
  - » participação dos trabalhadores de saúde e segurança: a apresentação de dados e trabalhos por parte dos trabalhadores organizados mostrou a necessidade de incorporar um olhar protagonista daqueles que, no dia a dia, trabalham e sustentam o sistema educativo. começou-se a trabalhar para esse consenso com a implantação de comitês de saúde e segurança e de um delegado de prevenção;
  - » interrupção de licença de férias na presença de acidentes e doenças laborais: logrou-se que todo trabalhador que sofra algum desses infortúnios suspenda sua licença de férias até a alta médica definitiva, para que depois usufrua do direito de descanso necessário, segundo as pautas laborais.

Sabemos que os trabalhadores adoecem e qual é o diagnóstico dessas doenças. Nesse contexto, a Ctera define como política realizar diferentes trabalhos de pesquisa, a fim de documentar o lado científico como insumo para a discussão coletiva do

setor. O que se apresenta neste trabalho é uma prova disso, porque a ciência e a técnica devem estar ao serviço dos trabalhadores.

Nós, trabalhadores organizados, avançamos na ampliação de direitos e na exigência do cumprimento, por parte dos empregadores, da normativa vigente. De fato, a escola pública garante-se com trabalhadores sãos e condições de trabalho dignas. E isso é possível!

*Recebido em outubro de 2012 e aprovado em dezembro de 2012*

## Notas

- 1 Pessoa que possui diploma para atuar no ensino fundamental, lecionando as matérias estipuladas pela lei do país.

## Referências

ARGENTINA. Ley nº 24.557, del 3 de octubre de 1995. Sobre riesgos del trabajo. **Boletín Oficial**, Buenos Aires, 4 oct. 1995.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 658, del 24 de junio de 1996. Apruébase el Listado de Enfermedades Profesionales, previsto en el artículo 8º, inciso 2, de la Ley nº 24.557. **Boletín Oficial**, Buenos Aires, 25 jun. 1996.



## **Working conditions and health** *Union organization guidelines*

**ABSTRACT:** The Argentinian Confederation of Education Workers (CTERA) undertook research on the occupational health of teachers and when collective bargaining started between employers and workers, in 2003, it contributed papers for discussion. The study herein presented, conducted by the Buenos Aires Province of the United Union of Education Workers (Suteba), was used to guide discussions with employers and government, in order to enhance the diagnosis of the health and working conditions of teachers.

*Keywords:* Occupational health. Teachers. Working conditions.

## **Conditions de travail et Santé** *Éléments de l'organisation syndicale*

**RÉSUMÉ:** La Confédération des Travailleurs de l'Éducation de la République d'Argentine (CTERA) a développé des recherches sur la santé de l'enseignant au travail et, en 2003, se sont ouvertes des négociations collectives entre employeurs et employés contribuant par leurs travaux à la discussion. Le travail présenté ici a été réalisé par le Syndicat Unifié des Travailleurs de l'Éducation de la Province de Buenos Aires (Suteba) et a été utilisé comme document de base dans la discussion entre les employeurs et le gouvernement, pour poser un diagnostic des conditions de travail et de santé des enseignants.

*Mots-clés:* Santé au travail. Enseignants. Conditions de travail.

## **Condiciones de trabajo y salud** *Elementos de la organización sindical*

**RESUMEN:** La Confederación de Trabajadores de la Educación de la República Argentina (CTERA) ha desarrollado investigaciones sobre salud laboral docente. En el año 2003 se abren las negociaciones colectivas entre empleadores y trabajadores y se aportan los trabajos desarrollados como insumos para la discusión. El trabajo que se presenta a continuación fue realizado por el Sindicato Unificado de Trabajadores de la Educación de la Provincia de Buenos Aires y fue utilizado como guía orientadora en los ámbitos de discusión para avanzar en el diagnóstico entre condiciones de trabajo y salud de los docentes.

*Palabras clave:* Salud laboral. Docentes. Condiciones de trabajo.